

Estado da publicação: O preprint não foi submetido para publicação

SEGUE O “FLUXO”! EMOÇÕES A PARTIR DE UMA ETNOGRAFIA NUMA CENA DE USO DE CRACK NO CENTRO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Rodolfo Ferreira da Silva

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6839>

Submetido em: 2023-09-14

Postado em: 2023-09-20 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Maria Claudia Coelho (ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3885-5429>)

SEGUE O “FLUXO”! EMOÇÕES A PARTIR DE UMA ETNOGRAFIA NUMA CENA DE USO DE CRACK NO CENTRO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.

Rodolfo Ferreira da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2126-3091>

rodolfoferreirasilva1974@gmail.com

PPCIS-UERJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

RESUMO: A pesquisa discute os desdobramentos sociais do consumo problemático de crack por moradores e frequentadores de uma ocupação no centro da cidade do Rio de Janeiro, sobretudo daqueles estigmatizados sob a pecha de “nóia” ou “cracudos”, ou seja, indivíduos que construíram um sentido próprio de vida em torno do consumo de crack. Para tanto busco entender o contexto social em que estão inseridos, seus hábitos, demandas e emoções. Assim, através de uma etnografia da ocupação Colombo, penso sobre as representações sociais em torno do uso considerado problemático de crack, analisando em que medida essas representações são internalizadas ou não pelos usuários e moradores da cena pesquisada. Procuo também examinar, a partir dos relatos e das histórias de vida dos usuários e moradores da cena pesquisada, as gramáticas emocionais relativas ao uso problemático de crack. Aqui, a vergonha emerge como afeto central, atravessando as trajetórias de vida dos meus interlocutores, conferindo sentido e contribuindo na construção de uma identidade a partir de uma imagem que tem como referência a percepção do outro sobre si. Finalmente, gostaria de propor que a vergonha pode ser entendida como a maneira pela qual os moradores e frequentadores da ocupação acabam por internalizar a “cultura da evitação”. A vergonha surge como expressão de um certo ressentimento pela forma como são vistos e tratados pelos “outros” e se reflete na própria “construção de si.”

Palavras-chave: crack, emoções, etnografia, antropologia, ocupação.

FOLLOW THE “FLOW”! EMOTIONS FROM AN ETHNOGRAPHY OF CRACK USE IN DOWNTOWN RIO DE JANEIRO.

ABSTRACT: The research discusses the social consequences of problematic crack consumption by residents and regulars of an occupation in downtown Rio de Janeiro, especially those stigmatized as "nóia" or "crackheads", in other words, individuals who have built their own sense of life around crack consumption. To do this, I try to understand the social context in which they live, their habits, demands and emotions. Thus, through an ethnography of the Colombo occupation, I think about the

social representations surrounding the problematic use of crack, analyzing the extent to which these representations are internalized or not by the users and residents of the researched scene. I also try to examine the emotional grammars related to problematic crack use, based on the accounts and life stories of the users and residents of the scene researched. Here, shame emerges as a central affect, traversing the life trajectories of my interlocutors, giving meaning and contributing to the construction of an identity based on an image that has the other's perception of you as a reference. Finally, I would like to propose that shame can be understood as the way in which the occupation's residents and visitors end up internalizing the "culture of avoidance". Shame arises as an expression of a certain resentment at the way they are seen and treated by "others" and is reflected in their own "construction of self."

Keywords: crack, emotions, ethnography, anthropology, occupation.

INTRODUÇÃO

“Fluxo” é como é conhecida a concentração de usuários de crack. Normalmente o senso comum reúne essas pessoas sob a designação de “cracudos” ou “nóias”, expressos num tipo específico de corporalidade e de relação com o mundo que muitas vezes ganham contornos de dramaticidade, sobretudo por parte dos meios de comunicação de massa do país. Segundo essa visão, apenas a prisão e/ou internação daria conta de lidar com tal problemática.

Do ponto de vista das Ciências Sociais, como podemos situar aqueles usuários que desenvolveram um consumo considerado problemático?¹ Como pensar as dimensões de consumo geradoras de uma corporalidade (RUI, 2012) e temporalidade específicas? De que maneira o consumo problemático de crack atravessa as histórias de vida de nossos interlocutores? Como forjar uma adequada compreensão das dinâmicas sociais que envolvem o consumo de crack? É possível, a partir

¹ Segundo relatório da OMS-UNDOC, pelo menos 8% dos indivíduos que começam a usar drogas psicoativas desenvolverão um transtorno por uso de drogas ao longo do tempo, com variações significativas para diferentes classes de substâncias psicoativas. O “uso problemático” ou “transtornos devido ao uso de drogas” compreendem uma categoria mais ampla de condições de saúde que incluem intoxicação, síndrome de abstinência e uma série de transtornos mentais induzidos por drogas. Muitas vezes andam de mãos dadas com um desejo significativo de usar **drogas psicoativas, que** pode persistir ou facilmente ser reativado, mesmo após um longo período de abstinência. Muitas vezes, os transtornos por uso de drogas estão associados com uso perigoso ou prejudicial de outras substâncias psicoativas, como álcool ou nicotina, ou com dependência de álcool e nicotina. Relatório da OMS-UNODC International standards for the treatment of drug use disorders — Revised edition incorporating results of field-testing, 2020 p. 04. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/331635>

das histórias de vidas de nossos interlocutores, suas expectativas e sentimentos, pensar a dimensão micropolítica das emoções?

O texto a seguir propõe alternativas que buscam problematizar uma visão que se estabelece apenas do ponto de vista médico/judicial, a partir de uma etnografia de uma cena de uso de crack na zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, conhecida como ocupação Colombo.

1. A OCUPAÇÃO MACHADO DE ASSIS

O imóvel onde funcionava a ocupação Machado de Assis, hoje ocupação Colombo, pertenceu à confeitaria Colombo que o adquiriu na segunda metade do século passado. Posteriormente, foi vendido para a empresa Arisco, que teve seus bens adquiridos pela Unilever do Brasil S/A.

Em novembro de 2008, quando nasce a ocupação Machado de Assis, o prédio encontrava-se abandonado e degradado, característica de uma propriedade que se destina à especulação imobiliária. Os ocupantes, então, exibiam uma cópia do decreto municipal 26.224, de 16/02/06, que declarou o edifício como utilidade pública para fins de desapropriação.



Figura 1 O início e o fim da ocupação Machado de Assis 2008 e 2012 - Foto: Carlos Lattuf. In: Fernandes (2014)

A ocupação foi organizada por militantes da Frente Popular², estudantes universitários e militantes independentes. A maior parte de seus ocupantes era composta por trabalhadores informais, que buscavam um espaço para moradia sem custos, bem como manter-se na região central da cidade, próximo de oportunidades de trabalho, acesso a equipamentos de saúde, educação, cultura e lazer.

² Coletivo formado por militantes de esquerda, sendo a maioria de inclinação anarquista.

O espaço foi organizado no modelo de autogestão, onde militantes e moradores discutiam e votavam de maneira horizontal as decisões tomadas. No baldio que fica atrás do prédio, foi construída uma horta comunitária, bem como havia um revezamento entre os moradores na sua “portaria” para garantir a segurança do local.

O projeto de ocupar prédios abandonados na região central foi uma característica deste período. Outros imóveis foram ocupados na região, tanto pela Frente Popular como também por outros coletivos que viam nesse modelo uma forma de lutar por uma nova maneira de gerir o espaço da cidade, gerando tensão e conflitos com o poder público que, no contexto de “revitalização” dessa região, visando o mercado imobiliário e os megaeventos da cidade, via nessa forma de ocupação uma ameaça aos seus interesses.

“No caso da Machado de Assis, a gentrificação mostrou-se como a principal ameaça desde o seu início e por isso é tratada não apenas como um pano de fundo, mas como um conjunto de forças que atravessou sobremaneira o cotidiano da ocupação, desde o seu surgimento até o momento em que foi ‘lacrada’ [termo utilizado por agentes da prefeitura e repisado por ocupantes].” (FERNANDES, 2014, p. 315).

Para a ocupação Machado de Assis dirigiam-se pessoas vindas de diversas regiões do país, mas sobretudo da região Nordeste. O espaço agregava desde pessoas que pagavam aluguel em outras regiões da cidade e buscavam uma diminuição de despesas, pessoas que viam na ocupação uma forma de conseguir moradia própria através da pressão do poder público, até pessoas que se encontravam em situação de rua e que viam a ocupação como única saída para diminuir, pelo menos, as imensas dificuldades pelas quais passavam. As principais atividades de seus moradores eram as de comércio ambulante, entregador, catador de papelão, alumínio e outros recicláveis, diarista, cuidador de idosos e malabares. A ocupação Machado de Assis, nesse sentido, operava como importante marcador identitário, onde os moradores, além de se sentirem mais seguros com relação às ameaças de violência e outras privações da vida na rua, estabeleciam uma distinção com aqueles que se encontravam em situação de rua, vistos pejorativamente como “cracudos” ou “zumbis” (Fernandes, 2014).

Com a instalação de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) em 2010 na região da Providência, surgem também novas formas de gestão do varejo de drogas nesta e noutras regiões “ocupadas”. À medida que as UPPs avançavam houve uma espécie de modernização da economia das drogas e os varejistas da Providência passam a manter em algumas ocupações do centro pontos de venda “alternativos”, como tentativa de burlar a nova realidade. (MENEZES, 2018).

Após decisões judiciais que permitiram a desocupação do espaço, acordos de indenização de pequenos valores e promessa do pagamento de aluguel social, a ocupação Machado Assis foi desfeita em maio de 2012. Alguns moradores foram transferidos para os bairros de Senador Camará e Cosmos, ambos distantes mais de 50 km do centro da cidade e com poucos recursos e equipamentos sociais.

Dessa forma, o poder público, que envolvia nesse contexto Prefeitura, governo do Estado e governo Federal trabalhando de forma articulada visando os megaeventos e o processo de revitalização de regiões consideradas degradadas, bem como a implantação de um novo modelo de segurança pública, acabaram por desocupar a maioria dos prédios da região portuária, dando início a um processo de especulação imobiliária financiado com dinheiro público, mas gerido pela iniciativa privada. O fracasso de todos esses projetos, no entanto, evidenciou o esgotamento de um modelo de gestão que privilegia o capital e não pensa a cidade como um espaço integrado. No que diz respeito ao programa de “pacificação”, por exemplo, Leite (2012) sustenta que a construção social da favela como território da violência na cidade constitui o principal dispositivo de produção dessas áreas e seus moradores como “margens do Estado”. Argumenta que a produção da modalidade de identificação (favela e favelado), que embasam e justificam uma forma específica de gestão estatal desses espaços por meio de dispositivos que delimitam as possibilidades de acesso de seus moradores aos equipamentos urbanos e serviços públicos, - segurança, inclusive – reproduzem a segregação em curso na cidade.

Diante do fracasso do processo de “revitalização imobiliária” da zona portuária, bem como do processo de “pacificação” daquela região da cidade, tanto os conflitos entre policiais e varejistas, bem como as ocupações voltaram à ordem do dia. No que tange a última, no entanto, há um novo modelo de gestão desses espaços onde se articulam os interesses do varejo de drogas com os dos usuários. Nesse quadro, surgem espaços de ocupação com alguns moradores anteriormente em situação de rua, que são ao mesmo tempo espaço para a venda ou uso de drogas, notadamente o crack.

A antiga ocupação Machado de Assis perde assim o seu caráter autogestionário e agora, sob o nome de ocupação Colombo, assume o papel de cena de uso de crack, onde os usuários da região central da cidade podem consumir drogas e ao mesmo tempo encontrar um local onde viver, buscar alimentação e estabelecer uma nova rede de sociabilidades.

2. A OCUPAÇÃO COLOMBO

Como professor de História do Colégio Estadual Reverendo Hugh Clarence Tucker, venho acompanhando os processos de ocupação/desocupação de espaços públicos e privados da região. A ocupação Colombo fica a cerca de 200 metros do Colégio e passou a despertar meu interesse como objeto de pesquisa nos últimos dois anos.

As conversas iniciais para que pudesse chegar a esta cena de uso de crack foram proporcionadas pelo professor Pedro Guilherme, de Sociologia, também do Colégio Reverendo. Ele teve atuação destacada quando do processo de entrada no terreno da ocupação Machado de Assis, participando ativamente como militante da Frente Popular, auxiliando tanto na ocupação como nos debates sobre a organização do espaço. Foi através do professor Pedro Guilherme que tive contato com outra militante da Frente Popular, Adriana, que é vizinha do espaço onde ficava a ocupação Machado de Assis e onde é hoje a ocupação Colombo. Adriana ocupou um papel central nesse processo, pois sua atuação como militante a manteve em contato com moradores da ocupação Colombo, mesmo com a mudança de perfil da população do espaço. Ela se articulou com outros militantes locais, inclusive pertencentes a entidades religiosas, passando a fornecer refeições, mantimentos, roupas e outros objetos aos moradores do local.

Durante algumas semanas agendei reuniões com Adriana, onde ela pôde me explicar a dinâmica de funcionamento da cena, quem eram as principais lideranças locais, como proceder no espaço, que assuntos abordar, enfim, como se daria minha aproximação. Essa orientação foi necessária tendo em vista que a ocupação Colombo está sob a zona de influência do varejo de drogas do morro da Providência e são as suas lideranças que definem como o espaço deve ser gerido. Cabe ressaltar que o varejo do crack não se dá na ocupação Colombo, mas numa outra ocupação conhecida como Elma, que fica na rua ao lado. Os usuários então, são orientados a comprar o crack na ocupação Elma e usar na ocupação Colombo. Trata-se, penso, de uma estratégia do varejo de drogas naquela região, no caso específico do uso de crack. Tendo em vista que a UPP da Providência continua em atividade, me parece uma forma de criar uma dimensão mais fluida tanto ao comércio como ao uso do crack, que não desperte tanto a atenção, afastando-se do principal acesso ao morro da Providência, na região da central do Brasil. Para acessar tanto a ocupação Elma como a Colombo faz-se necessário atravessar o túnel João Ricardo, que liga a região da Central do Brasil à região da Gamboa. No entorno da ocupação estão, além do Colégio Estadual onde leciono, a Clínica da Família Nelio de Oliveira, a Vila

Olímpica da Gamboa, a Cidade do Samba e a estação Providência do VLT (veículo leve sobre trilhos). O VLT, uns dos símbolos da modernização da região portuária, inclusive, tem a ocupação Colombo situada ao lado dos seus trilhos.

Após as orientações de Adriana, resolvi circular pelo entorno da ocupação antes de ingressar na cena propriamente dita. Almocei algumas vezes no restaurante da esquina, de onde era possível acompanhar a dinâmica do lado externo e as ligações que os moradores/frequentadores estabeleciam com o depósito de recicláveis que fica ao lado do local. Em outras ocasiões, passei algum tempo com Adriana no portão da vila onde reside, já que ela é vizinha da ocupação. Essas conversas com Adriana foram decisivas, uma vez que os moradores/frequentadores da ocupação passaram a me ver como parte da paisagem local. Foi numa dessas conversas com Adriana que fui apresentado a Aline, umas das lideranças da ocupação. Através de Aline, travei os meus primeiros contatos com o prédio e as pessoas da ocupação Colombo.

Num primeiro momento, minha presença ali gerou um misto de desconfiança e curiosidade. A liderança exercida por Aline no local foi de vital importância para que minha chegada pudesse se efetivar. Tanto os moradores como os frequentadores da cena pareciam desconfiados em princípio e, graças à presença de Aline, a desconfiança foi cedendo lugar à curiosidade. Se num primeiro momento surgiram perguntas do tipo “o que você está fazendo aqui?” ou “qual foi, playboy?”, no momento seguinte a curiosidade tomou conta e as dúvidas se deram em função do tipo de atividade que eu pretendia exercer ali. Enquanto para alguns eu era um jornalista, que estava ali para produzir uma matéria de jornal, para outros eu era um assistente social, responsável por anotar as demandas locais e buscar os necessários encaminhamentos. Finalmente, decidiu-se que eu seria “o professor” que estava ali para escrever um livro sobre a vida dos moradores/frequentadores do local. Acredito que as primeiras duas suposições se deram em função de ser frequente, conforme me relataram, a presença tanto da imprensa quanto de assistentes sociais no local, embora não tenha presenciado ainda a presença de qualquer instituição, fosse ela pública ou privada.



Figura 2. Entrada da ocupação vista de dentro. Foto: Ellan Lustosa. Fevereiro de 2022.

O prédio onde funciona a ocupação Colombo possui quatro andares e encontrava-se desocupado quando da chegada dos novos moradores em meados de 2017. Após a desapropriação e desocupação do espaço da antiga ocupação Machado de Assis, alguns de seus moradores foram enviados para a zona oeste do Rio de Janeiro e alocados em conjuntos habitacionais. No entanto, alguns desses moradores relataram terem sido expulsos da região, pois esses conjuntos eram comandados por uma facção rival. Nesse sentido, alguns desses moradores retornaram ao centro do Rio de Janeiro, ocupando novos espaços, outros prédios públicos e privados ou ficando em situação de rua. Na atual ocupação Colombo, encontrei apenas uma família vivendo no segundo andar do prédio. Formada por seis pessoas, são remanescentes da antiga ocupação Machado de Assis e, pelo que pude apurar, não possuem envolvimento com o uso de crack que acontece no prédio.

No andar térreo da ocupação, há um enorme corredor de acesso com uma torneira de água onde os moradores/frequentadores tomam banho, lavam roupa e utilizam a água para beber e cozinhar. Ao final do corredor de acesso, ficam os sofás utilizados por moradores/frequentadores do local. Nos fundos do andar térreo, há um enorme baldio, que anteriormente abrigava a horta comunitária dos moradores da ocupação Machado de Assis e hoje está abandonado.

Os sofás localizados no andar térreo são o centro da dinâmica de uso de crack da ocupação. É neste espaço que moradores/frequentadores permanecem a maior parte do tempo em que estão consumindo crack. Do lado esquerdo da entrada, há um pequeno espaço, que não nos foi permitido fotografar, onde ficam máquinas de caça-níqueis e um pequeno comércio de copos de água mineral, liderado por Aline. Comercializados por um real, os copos são utilizados para o uso do crack. Nesta cena, são a principal estratégia de equipamento para o uso. Na maior parte das vezes, os copos são de

uso individual, embora em algumas ocasiões tenha presenciado o seu compartilhamento. Raras foram as oportunidades em que presenciei o uso de cachimbos. O entra e sai do prédio é constante, tendo em vista que a aquisição do crack se dá em outro local, a ocupação na rua vizinha. Em algumas oportunidades pude presenciar também o uso de maconha, acompanhada ou não de crack. A mistura do crack com a maconha é conhecida como mesclado.



Figura 3 Andar térreo da ocupação Colombo. Foto: Ellan Lustosa. Fevereiro de 2022.

O trabalho de campo teve início efetivamente em meados de 2021. Ao longo do ano de 2020, a pandemia provocada pelo novo coronavírus (SARS-CoV2) inviabilizou o seu desenvolvimento. Desde agosto de 2021, portanto, tenho feito incursões frequentes ao campo. Inicialmente eram visitas curtas, visando estabelecer uma relação de confiança com os moradores/frequentadores. Com o passar do tempo, fui rompendo a relação de estranheza que minha presença causava e pude me aproximar mais de meus interlocutores, a ponto de dar início às entrevistas guiadas com alguns deles, bem como de obter a permissão para que o fotógrafo Ellan Lustosa me acompanhasse ao local objetivando fazer fotos tanto do ambiente como de alguns personagens.

A maioria dos moradores encontrava-se em situação de rua quando foi para a ocupação Colombo. O grupo local é formado majoritariamente de homens adultos, com mais de trinta anos de idade. No entanto, existem também muitas mulheres, bem como casais que ali vivem. Ao longo do tempo, aprendi que minhas incursões dariam um resultado melhor se fossem feitas no período da manhã. Durante este período do dia a maioria dos moradores está ainda acordando e é mais fácil encontrá-los sem ter feito ainda uso de crack. Nesse sentido, estão ainda mais relaxados e disponíveis

para conversar. À medida que o dia avança, o consumo de crack também e os nossos interlocutores se mostraram menos acessíveis. Isso se deve ao fato de que sob o efeito do crack, muitos não querem conversar, preferindo “curtir a onda”, como me foi relatado.

A maioria desempenha pequenos trabalhos temporários (“bicos”), como reciclagem de papelão e latas de alumínio, lavagem de vidros de carro e venda de balas em sinal, bem como atua aplicando pequenos golpes e praticando pequenos furtos no centro do Rio de Janeiro.

Além dos moradores, o local também é frequentado por pessoas em situação de rua que fazem uso de crack. Pude observar muitas delas entrando e saindo da ocupação ao longo das horas em que lá estive. Tanto a maioria dos moradores como os usuários que frequentam o local me pareceram fazer um uso que, como apontado na introdução, caracteriza-se como problemático. Segundo relatos dos próprios, o uso de crack opera como um lenitivo que aplaca as agruras de suas vidas. Dito de outra forma, não estão ali porque fumam crack, mas fumam crack porque estão ali. Nesse sentido, passam boa parte do dia fumando, sendo esse uso interrompido nos momentos em que saem para conseguir dinheiro, comprar mais crack e retornar para a casa. Alguns moradores ainda têm problemas com o sistema judiciário e utilizam tornozeleira eletrônica, como no caso de um dos nossos interlocutores, o Alexandre.

Embora em número menor, pude perceber que o local também é frequentado por pessoas que trabalham no centro do Rio de Janeiro e fazem um uso caracterizado como esporádico de crack. Em algumas ocasiões, encontrei pessoas com uniformes e crachás de empresas públicas e privadas do centro do Rio de Janeiro. Também encontrei moradores da região da Gamboa que parecem também se enquadrar nesse modelo de uso, como senhoras com sacolas de compras de mercado e homens em carros e motocicletas. No entanto, essas pessoas conheciam os moradores locais, o que indica que talvez sejam usuários frequentes, embora não façam um uso considerado problemático.

Um último aspecto que gostaria de destacar é como este espaço, embora degradado e em condições sanitárias bastante precárias, parece operar como local de socialização tanto de moradores como de frequentadores. Foram inúmeras as ocasiões em que presenciei o compartilhamento de crack ou roupas e alimentos doados por instituições, de forma tranquila e até descontraída. Os moradores parecem sentir-se seguros no local. Isto é bastante compreensível tendo em vista que a alternativa para a grande maioria seria voltar para as ruas com todas as vulnerabilidades que isso implica. Nesse sentido,

encontrei no campo pessoas que, ao contrário de serem ameaçadoras, como sugere o senso comum, me pareceram bastante solidárias umas com as outras, abertas e interessadas, assim que se sentiram seguras, em narrar suas trajetórias ao “professor/escritor”.



Figura 4. Moradora da ocupação Colombo. Fotos: Ellan Lustosa. Fevereiro de 2022

3. A HISTÓRIA DE JÚLIO

Ao longo da pesquisa para o Mestrado (SILVA, 2020), tive contato com o projeto “Tenda”, que funcionava aos sábados na “Cracolândia”, região central da cidade de São Paulo. Basicamente, o projeto consistia em montar uma tenda no meio do “fluxo” (concentração de usuários) e apresentar para a audiência presente o “programa de recuperação” de Narcóticos Anônimos. Estive por diversas ocasiões na região, já imaginando as possibilidades de pesquisa que poderiam surgir daquele contato.

O que mais me chamou atenção nas vezes em que estive ali foram as possibilidades de interação com os frequentadores do local. Diferentemente do que é divulgado pelo senso comum e/ou pela grande mídia, aquelas pessoas não me pareceram nada ameaçadoras. Muito pelo contrário, minha presença ali atraía bastante curiosidade, como o “carioca”, uma figura meio exótica e de “sotaque engraçado.” Do estranhamento surgiram diversas oportunidades de troca e aos poucos fui percebendo que o uso problemático de drogas não os definia como sujeitos.

As histórias contadas pelos moradores/frequentadores da ocupação Colombo também acabaram revelando um outro aspecto. Suas vivências, além de diversas, iam além da sua relação com

o crack, que atravessava suas histórias. O crack, assim, conta apenas a “metade da história”, penso. Vejamos o caso de Júlio, 32 anos:

Eu tô na pista já tem um ano. Fico na ocupação, durmo na rua, onde dá. Mas é porque a questão é: com a minha dependência eu tive que me adaptar ao que eu tenho. Então a rua foi o mais próximo que eu pude chegar. Eu sou paulista, do litoral, do Guarujá. Já estive na “Cracolândia”, é muita gente. Lá é o famoso inferno! O inferno ali dentro é constante porque você tem droga a todo momento, tem droga até de cinquenta centavos, vinte centavos, você tem droga pra tudo. Aqui no Rio é bom porque eu tenho que correr atrás pra poder usar a minha droga. (Caderno de campo. Dezembro de 2022).

Segundo Júlio, com o uso problemático de crack a rua é o melhor para ele, onde ele pode “circular livremente” e ter uma vida errante, sem muitos vínculos. Como veremos mais adiante, desconfio que a escolha esteja atravessada pela questão da vergonha. Júlio destaca no trecho acima a facilidade que tinha na “Cracolândia”, região central de São Paulo, para acessar o crack. Como contraponto, diz que no Rio de Janeiro o acesso é um pouco mais difícil, o que para ele é melhor, uma vez que isso diminuiria um pouco o seu consumo e o obrigaria a “correr atrás”, desempenhando diversas atividades informais, que vão da reciclagem à venda de doces no sinal. Aqui, entendo que Júlio hesitava e não me contava toda a verdade, uma vez que a pedra de crack pode ser adquirida na rua ao lado, em outra ocupação, e custa cinco reais. Não é tão difícil assim conseguir o crack na ocupação. Não foram poucas as vezes em que encontrei pessoas oferecendo crack umas para as outras, mesmo eu era constantemente confrontado com tais convites.

O problema é, as pessoas julgam a gente, independente de você estar arrumado ou não. Eu, como usuário de crack, eu me visto bem, eu gosto de me arrumar. É rara as vezes em que eu estou sujo, porque querendo ou não eu tenho que ter uma consciência moral, do que eu aprendi, dos bons modos e bons costumes, da educação dos meus pais, que eu tenho que me manter limpo. O vício foi uma escolha errada? Foi. Mas a gente pode escolher em se manter higienizado. Eu comecei a usar cocaína com 19. Aí após ir morar junto de um amigo, ele fumava crack, e eu usava cocaína. Quando eu tinha, beleza! Aí chegou o dia em que eu não tinha cocaína e acabei optando por experimentar. O problema é aquele, quando a pessoa fala que a primeira vez é apaixonante, é verdade, não tem erro não, você se apaixonava mesmo. (Caderno de campo. Dezembro de 2022).

No trecho acima, Júlio fala sobre o constrangimento que sente pelo julgamento que sofre das pessoas. Segundo ele, mesmo mantendo uma aparência “limpa e arrumada” seu uso de crack fica evidente, o que se reflete numa atitude de julgamento do outro. Aqui, nos remetemos a Cooley (1902) e Scheff (2000), quando ambos destacam como a vergonha emerge preferencialmente das relações sociais e, sobretudo, da percepção que tenho de como o outro me enxerga e da ameaça aos vínculos sociais.

Outra questão muito interessante que Júlio e outros entrevistados destacaram foi a questão do prazer. Segundo os relatos colhidos, o prazer que advém do uso do crack, principalmente nas primeiras vezes que experimentaram, poderia ser comparado ao prazer sexual. Essa perspectiva me foi passada diversas vezes durante as entrevistas. O uso do crack despertou também uma sensação de “poder”, entendido como vigor e/ou disposição. Cabe ressaltar que, apesar de bastante interessante, não tratarei desse tema em profundidade por acreditar que precisaria recorrer à psicanálise para discutir tal perspectiva, o que por si só seria suficiente para produzir uma outra tese.

Sobre a questão do uso problemático, Júlio pensa que:

Algumas pessoas mantêm o controle, tem alguns que trabalham, que correm atrás, que conseguem se manter. Eu já vi muitos ‘ricos’ vindo aqui buscar crack, playboy, ‘alta sociedade’. E têm uma vida estável. A gente como não tem o costume de ter um dinheiro muito forte no bolso, a gente acaba perdendo tudo. (Caderno de campo. Dezembro de 2022).

Interessante perceber aqui como Júlio destaca que existem pessoas que conseguem usar crack e manter uma rotina de trabalho e outros afazeres. No entanto, para ele essas são apenas pessoas “ricas”, ou seja, dispõem de muito dinheiro e são parte da “alta sociedade”. Assim, esta não seria uma opção para os moradores/frequentadores da ocupação, uma vez que não possuem condições financeiras de manter o consumo de crack e uma “vida estável”. Aqui, a visão de Júlio é atravessada pela questão da renda. Acredita que se fosse “rico”, não teria problemas com crack. Essa parece ser uma visão equivocada, mas que pode ser explicada pelo estranhamento que causa em Júlio quando pessoas, provavelmente de classe média, aparecem na ocupação em busca de crack. O choque causado pela presença de pessoas bem-vestidas, de carro ou motocicleta, com crachás de empresas, que aparecem na ocupação em busca de um espaço “livre” para uso do crack, parece operar como marcador de uma distinção entre “nós” e “eles”. Dito de outra forma, me parece que a construção da identidade de “cracudo” não passa apenas pela questão do consumo, como também pela percepção que têm da visão do outro sobre eles. Nesse sentido, a vergonha pode atuar como uma forma de conferir sentido, aglutinando a construção de identidades sociais (Scheff, 2000).

Sobre seu trabalho e ainda sobre a vergonha, Júlio nos conta que:

Com 31 anos eu vim pra cá, pro Rio. Eu sou garçom, trabalho na área de gastronomia, como você pode ver eu falo bem, converso muito bem, eu tenho a formação do segundo grau completo. Infelizmente, a minha profissão necessita que você tenha um controle mental muito bom e no uso você não tem. O que é interessante é que eu tenho dez anos de profissão, trabalhei com o Henrique Fogaça em São Paulo, sou gerente, sou maitre, mas estou nessa vida aqui por uma opção, uma escolha. Eu sinto vergonha, às

vezes eu encontro pessoas que me reconhecem, isso é o que mais dói. Independente de qualquer coisa, o uso é pessoal, mas essa droga é maldita. Ela demonstra no seu olhar que você está nela. A cocaína é sociável, mas um dia ela transparece. A maconha é sociável, um dia ela transparece. Mas a pedra não, ela transparece a partir do momento em que você usa pela primeira vez. Ela é deplorável, porém, quando eu tenho vergonha, a vergonha que sinto, às vezes eu saio de um lugar e vou pro outro. Então eu nunca tenho parada, eu sempre tô na pista. É porque num lugar onde eu sou pouco conhecido eu não vou sentir tanta vergonha, dá pra passar um tempo mais. Eu passei um tempo aqui, fui embora, fui pra Botafogo, Maracanã, depois voltei pra cá, entendeu? Por causa dessa questão. (Caderno de campo. Dezembro de 2022).

Procurando se afirmar, Júlio destaca que fala bem, concluiu o ensino médio e que, atuando como garçom, já trabalhou para chefes renomados. É interessante destacar que de fato Júlio é muito articulado. Foi sem dúvida, uma das melhores entrevistas que fiz, sobretudo do ponto de vista da compreensão daquilo que era dito. Ele não estava sob efeito do crack no momento da entrevista, o que também facilitou muito o meu trabalho, revelando, do meu ponto de vista, aquilo que considero importante para a minha pesquisa. No entanto, o ponto que gostaria de destacar aqui é sobre a relação que desenvolvemos ao longo da entrevista. Júlio se referia a mim como “seu Rodolfo”, ou “professor Rodolfo”, numa atitude que marcava claramente o meu lugar ali. Nesse sentido, procurou construir uma imagem de alguém que teve uma boa educação, uma boa formação, bons empregos e que estava em situação de rua por uma opção sua. Ou seja, se ele não tivesse tomado essa decisão, seria “como eu”, ou melhor, como ele achava que eu nos percebia. Aqui, ele reforça a estratégia que utiliza para lidar com a vergonha que sente. Diante da sua escolha pelo crack, decide viver de forma “errante”, vagando pelos bairros do Rio de Janeiro, numa tentativa de disfarçar seu uso. Quando passa a ficar conhecido no bairro e, segundo ele, as pessoas percebem que se trata de um “cracudo”, ainda que “arrumado e de bons modos”, ele decide sair do local e se dirigir a outro, onde não é conhecido e pode desfrutar, pelo menos por algum tempo, de certo anonimato.

Sobre sua “carreira de usuário”, relata:

Quando eu comecei na cocaína, professor, eu tinha 19 anos. Eu sempre usei todo tipo de droga ao máximo. A cocaína, ela entrou na minha vida eu já era gerente de restaurante. Eu ganhava dois mil e quinhentos mais mil reais por fora no mês e ainda mais cento e pouco por semana. Eu usava cocaína faixa de quase dois mil por mês. Então eu usei bastante cocaína. Qualquer droga na minha vida ocasionou um ‘porradão’. Eu sei que o senhor me entende, mas hoje estar no crack é totalmente diferente do que a cocaína, porque querendo ou não ele derruba de vez. E o uso dela não é igual à cocaína, que uma hora você ‘empapuça’. Quanto mais você tem crack... você dorme com a crack na mão. A cocaína chega uma hora que você não aguenta mais, é exaustivo demais. O crack, pra alguns é sexual (prazer), pra outros é ‘satisfatório’, pra outros é ‘neurótico’. Pra mim é tranquilo, eu curto a minha droga. (Caderno de campo. Dezembro de 2022).

No trecho acima da entrevista, Júlio destaca como se deu sua “carreira de usuário”. Segundo ele, o uso de cocaína já começou de forma intensa, levando-o sempre a consumir quantidades

consideráveis, gastando boa parte de seus proventos com o uso. Júlio também faz uma distinção entre a cocaína e o crack. Enquanto a primeira “empapuça” – uma categoria nativa que significa que você não aguenta mais usar por estar fisicamente incapaz -, a segunda não, o que explicaria porque ele não consegue cessar o seu uso, uma vez tendo começado.

Júlio também retoma a ideia de que o crack provoca uma sensação muito parecida com a excitação sexual, como também pode causar o que chamou de “satisfação” – outra categoria nativa que denota um prazer “tranquilo” que o usuário sente ao consumir o crack, ou a “neurose” – categoria muito utilizada também entre usuários de cocaína, referindo-se aos momentos de descontrole e tensão em que alguns usuários ficam ao usar esta droga.

Finalmente, Júlio busca reforçar como é uma pessoa que se destaca pela inteligência e perspicácia:

Eu sou um cara que eu gosto muito de forçar a minha mente, então eu tenho um monte de palavra cruzada na minha bolsa, eu tenho sempre que fazer alguma coisa pra forçar a minha mente. O crack me ajuda a continuar pensando. Eu tenho que forçar a minha mente, eu tenho sudoku, palavra cruzada, numerix, eu leio, gosto muito de livro, principalmente do Dan Brown, eu já li ‘O Inferno’. Eu gosto muito de ler porque, querendo ou não, eu sei que um dia eu saio dessa vida. Todo mundo tem o direito de ter uma segunda chance, por que que eu não tenho? Independente de qualquer coisa, daqui a pouco tudo pode mudar, da água pro vinho. Deus não disse ‘vigiar e orar’? Então, você vigia primeiro que você sai disso. E continua orando, que é o que faço. Muito obrigado, seu Rodolfo. (Caderno de campo. Dezembro de 2022).

Para Júlio, o crack o ajudaria a “forçar a mente” ou “exercitar o cérebro.” Para tanto, ele mostrou uma série de revistas de palavras cruzadas, sudoku, entre outras, que carrega consigo na mochila. Também destacou como gosta de ler e me revelou que seu autor preferido é Dan Brown. Dessa forma, explica Júlio, ele procura se manter “ativo”, pois acredita que um dia vai deixar de usar crack, uma vez que acredita que todos devem ter direito a uma segunda oportunidade.

Mais uma vez Júlio procura me mostrar como é preparado. Para mim, fica nítido como ele tentava o tempo todo interferir no julgamento que achava que eu fazia dele. Dessa forma, a questão da vergonha emerge, mais uma vez como uma forma de construção de vínculo, onde a percepção que ele acha que tenho dele acaba contribuindo para a construção de sua própria autoimagem. Também gostaria de destacar o aparente paradoxo de alguém que julgava o crack um “inferno” ao mesmo tempo em que admitia que existem pessoas capazes de consumi-lo sem que isso necessariamente afete

as outras áreas de suas vidas. Me parece, portanto, que Júlio incorpora uma visão ainda hegemônica no Brasil: a percepção social de que as drogas são extremamente perigosas.

Proponho incorporar um novo ponto de vista, a partir da Antropologia das Emoções. Ao expressar seus sentimentos, sobretudo a vergonha, Júlio e outros entrevistados falavam de si para mim, mas também falavam para eles próprios, dando uma importância destacada ao que achavam que eu estava pensando deles. Não acredito que esta afirmação tenha a condição de “borrar” suas falas. Pelo contrário, acredito que reforce a noção de que as emoções estão intimamente ligadas à vida social “com os sentimentos sendo, a um só tempo, facultados e engendrados pelo lugar ocupado pelo sujeito na sociedade (...).” (Coelho & Rezende, 2011, p. 18). Com o auxílio desse referencial teórico, pretendo captar as especificidades de uma cena de consumo de crack ainda não pesquisada e de atores diversos, com trajetórias atravessadas pelo crack sim, mas com visões de mundo, experiências e expectativas diversas. Concordo e me identifico com a proposta de pesquisa de Fiori:

A proposta aqui é de uma experimentação metodológica cujo pressuposto é que o uso de drogas se relaciona de maneira inextricável às demais dimensões da vida de sujeitos que, entre uma miríade de outras ações, também tiveram ou têm essa prática. A especificidade da sistemática alteração química da consciência traz em seu bojo, de fato, algum nível de imponderabilidade, posto que seu objetivo último é justamente esse, alterar uma situação de normalidade. Essa alteração, no entanto, está inserida numa longa trajetória de relação com essas substâncias que não nasce quando os sujeitos a ingerem e tampouco se limita a sua composição química. (FIORI, 2020, p. 41).

Ainda acredito que seria muito interessante pensar a questão da autoestima do ponto de vista das ciências sociais. A reflexão que proponho estaria intimamente relacionada ao clássico debate indivíduo x sociedade. Como nos revela Santarelli (2016), a questão da autoestima parece ser definida numa relação dialética entre indivíduo e sociedade. Assim, diz:

“Se concebermos a autoestima como uma mera internalização da estima social, corremos o risco de perder a relação interdependente entre o indivíduo e o social. Meu objetivo neste artigo (...) é abrir o caminho para uma concepção de relação entre autoestima e estima social que é tanto antirreducionista quanto anti-dicotômica, ou seja, genuinamente intersubjetiva.” (SANTARELLI, 2016, p. 3). Tradução minha.

Proponho pensar a autoestima considerando sua relação com o que Santarelli (2016) chamou de “estima social”, ou seja, a relação existente entre o que pensamos a meu respeito, do ponto de vista do papel social que desempenho, com aquilo que acabo internalizando deste pensamento.

Em “Sociedade e Autoimagem do Adolescente”, Rosenberg define autoestima como a atitude negativa ou positiva sobre si mesmo. Esta atitude inclui um componente cognitivo e um componente avaliativo. O desenvolvimento destes dois componentes é fortemente influenciado pelo ambiente social (...). Sendo

baseado num componente avaliativo, a autoestima dependerá de uma estrutura de valores social e historicamente determinada. Como valorizar a si mesmo também significa avaliar a si mesmo, os valores que prevalecem em uma sociedade desempenham um papel crucial na determinação da estima social e da autoestima. (SANTARELLI, 2016, p. 10). Tradução minha.

É importante destacar, contudo, que determinados comportamentos que podem ser vistos como “desviantes” e negativos por determinados grupos, não serão vistos necessariamente assim por outros. O que pretendo fazer é pensar os aspectos intersubjetivos que compõem o quadro mais amplo sobre a questão do uso problemático de crack. Acionando de novo Fiori (2020) - ainda que se considere a perspectiva bioquímica dos estados de alteração da mente provocados por substâncias psicoativas -, e esta não é a minha proposta, é relevante também destacar outros aspectos da vida desses sujeitos, como por exemplo, os socioeconômicos, mas sobretudo a dimensão micropolítica das emoções (Coelho e Rezende, 2010), que pode nos ajudar a compreender a exclusão social e a existência de dispositivos de controle que vão desde o pretense monopólio das ciências médicas sobre o tema (Fiori, 2020), ao estabelecimento de um marco legal e regulatório que parece não considerar os aspectos sócio-históricos na elaboração de políticas públicas que segregam e excluem muito mais do que atendem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, a proposta de pesquisa acima apresentada pretende discutir, a partir da questão do uso problemático de crack, a dimensão micropolítica das emoções, ou seja, pensar as emoções como um construto social. Sobre a questão de menores em situação de rua, Milito e Silva (1995) nos dizem que:

Pode-se, no entanto, dizer que esses sujinhos serão os infratores de amanhã. Está é, sem dúvida, uma possibilidade, mas a relação medrosa ou evitação de qualquer relação podem estar a contribuir mais para a formação do futuro infrator que todo o trabalho de todas as instituições que ‘alimentam bandidos’. Até porque, já que estamos no território do lugar-comum, ódio e indiferença talvez conformem mais facilmente a psicologia do tipo delinquente que amor e atenção. (MILITO & SILVA, 1995, p. 51).

O raciocínio acima, aplicado aos menores em situação de rua, pode ser transportado para a situação dos usuários de crack, penso. São pessoas que devem ser “evitadas a todo custo”, passamos com pressa e nem olhamos. O desconforto que a presença “deles”, os “cracudos”, causa nos “outros”, os “cidadãos”, contribui fortemente na construção de um sentimento de desprezo, de nojo, de ódio. Dormem na rua, fazem suas necessidades nas calçadas, atrapalham o sono com barulhos e brigas durante à madrugada, assaltam e importunam.

É nesse quadro que gostaria de propor que a vergonha pode ser entendida como a maneira pela qual os moradores/frequentadores da ocupação acabam por internalizar essa “cultura da evitação” (Milito & Silva, 1995). Nos depoimentos colhidos até agora, como o de Júlio, a vergonha surge como expressão de um “ressentimento” pela forma como são vistos e tratados pelos “outros” e se reflete na própria “construção de si.” Com essa linha de análise, busco um outro olhar para a questão do uso problemático de drogas em geral e do crack em particular, numa perspectiva que desloque o enfoque de uma questão médico/judicial e abrace a dimensão humana como um todo, envolvendo também os aspectos socioeconômicos, ambientais e culturais. Dessa forma, acredito que seja possível engrossar o coro dos que defendem uma nova política de drogas no país, muito diferente da famigerada “guerra às drogas”, modelo comprovadamente esgotado e ineficaz.

REFERÊNCIAS

COELHO, Maria Cláudia & REZENDE, Cláudia Barcellos. Antropologia das emoções. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2010 (versão digital).

_____. Cultura e sentimentos: ensaio em antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Contracapa/FAPERJ, 2011.

COOLEY, Charles Horton. Human Nature and the Social Order. New York: Scribner's, 1902, pp. 179-185. Disponível em: <https://www.d.umn.edu/cla/faculty/jhamlin/4111/Blumer/Charles%20Horton%20Cooley%20-%20Looking%20Glass%20Self.htm>. Acesso em 31/07/2022.

FERNANDES, Adriana. Arte do Contornamento e ocupação de Moradia no Rio de Janeiro. Revista de Ciências Sociais, n. 40, abril de 2014, pp. 311-333.

FIORI, Maurício. A medicalização da questão do uso de drogas no Brasil: reflexões acerca de debates institucionais e jurídicos. In: Álcool e drogas na história do Brasil. Renato Pinto Venâncio, Henrique Carneiro. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005.

_____. Substâncias, sujeitos e eventos: uma autoetnografia sobre uso de drogas. Rio de Janeiro: Telha, 2020.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo. Ed. Loyola, 1970.

_____. Os Anormais. São Paulo, Ed. WMF Martins Fontes, 2010.

_____. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LEITE, Márcia Pereira. “Da ‘metáfora da guerra’ ao projeto de ‘pacificação’: favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro”. Revista Brasileira de Segurança Pública 6.2 (2012).

MEAD, George Herbert. *Mente, self e sociedade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

MENEZES, Palloma Valle. "Monitorar, negociar e confrontar: as (re)definições na gestão dos ilegalismos em favelas "pacificadas"." *Tempo Social* 30 (2018): 191-216.

MILITO, Cláudia & SILVA, Hélio R.S. *Vozes do meio fio*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

RUI, Taniele, 1982- *Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack - Campinas, SP: [s. n.]*, 2012. Orientador: Heloisa Andre Pontes. Co-orientador: Simone Miziara Frangella. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

_____. Da deriva pela Avenida Brasil à fixação numa esquina na Maré: usuários de crack, refugiados da "pacificação." In: LEITE, Márcia et al. *Militarização no Rio de Janeiro: da pacificação à intervenção*, p. 57-68. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SANT'ANNA, Maria Josefina Gabriel & XIMENES, Luciana Alencar. *A Luta pela Moradia Popular na Zona Portuária do Rio de Janeiro: ocupações, remoções, permanências e novos arranjos pós-megaeventos esportivos INTERSEÇÕES [Rio de Janeiro]* v. 20 n. 2, p. 473-496, dez. 2018

SANTARELLI, Matteo. « L'estime de soi : un cas particulier d'estime sociale ? », *Terrains/Théories* [En ligne], 4 | 2016, mis en ligne le 17 août 2016, consulté le 03 janvier 2023. URL: <http://journals.openedition.org/teth/667> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/teth.667>

SCHEFF, Thomas J. *Microsociology: Discourse, emotion, and social structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.

_____. Shame and the Social Bond: A Sociological Theory. *Sociological Theory*, vol. 18, no. 1, 2000, pp. 84–99. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/223283>. Accessed 31 Jul. 2022.

_____. Shame as the master emotion of everyday life. *Journal of Mundane Behavior*, 1(3), 2000. <https://doi.org/info:doi/>. Acesso em 31/07/2022.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo; Brasiliense 1999.

SILVA, Rodolfo Ferreira da. *Memória, trauma e identidade: trajetórias na Irmandade de Narcóticos Anônimos*. *Rev. Sem Aspas, Araraquara*, v. 8, n. 1, p. 74-87, jan./jun.2019. ISSN: 2358-4238.DOI: 10.29373/sas.v8i1.12476.

_____. *Uma Nova Maneira de Viver: trocas simbólicas e mecanismos de subjetivação na irmandade de Narcóticos Anônimos*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS-UERJ). Defesa em fevereiro de 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION AND UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. *International standards for the treatment of drug use disorders: revised edition incorporating results of field-testing*. Geneva: World Health Organization and United Nations Office on Drugs and

Crime; 2020. License: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/331635>

DADOS DA PESQUISA

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINACIAMENTO

Esta pesquisa não recebeu nenhuma subvenção específica de qualquer agência de financiamento dos setores público, privado ou sem fins lucrativos.

COMITÊ DE ÉTICA

Declaro que o presente trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS-UERJ).

CONFLITO DE INTERESSES

O autor declara não haver conflitos de interesse.

BIOGRAFIA DO AUTOR

O autor possui Licenciatura Plena em História (1998-UFRJ), Pós- Graduação Lato Sensu em História do Século XX (IUPERJ-2002) e Mestrado em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ – 2019). Atualmente cursando Doutorado em Ciências Sociais, também pelo PPCIS/UERJ, onde desenvolve pesquisas sobre grupos de ajuda mútua, uso problemático de psicoativos e seus desdobramentos sociais.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.